

ARLETE

Na história da criação do Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal da Bahia, um nome jamais poderá ser esquecido - o da Professora ARLETE CERQUEIRA LIMA, que por muitos anos liderou um grupo de jovens idealistas que contribuiu de forma decisiva para o desenvolvimento do ensino e da pesquisa nas áreas da Matemática e da Física na Bahia.

Durante os seus anos de trabalho na Universidade, a Professora ARLETE assumiu vários cargos na administração universitária, entre os quais: Coordenadora Central da Pesquisa e Pós-Graduação, membro do Conselho Universitário da UFBA, Presidente da Congregação e do Conselho Departamental do Instituto de Matemática da UFBA, Coordenadora de cursos de Graduação e Pós-Graduação e finalmente Diretora do Instituto de Matemática da UFBA, quando então optou pela aposentadoria.

Graduada em Matemática pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade da Bahia, a Professora ARLETE obteve mais tarde o Grau de Mestre em Matemática, tendo além disso realizado cursos de pós-graduação na Universidade de São Paulo e no exterior.

A contribuição da Professora ARLETE é imensurável, a sua luta pelo avanço da Matemática e da Física entre nós e acima de tudo carajosa e dignificante. Portanto, é com grande satisfação, que agora recebemos o seu histórico depoimento.

C:- ARLETE, você sempre inspirou um enorme respeito entre todos que a conhecem pela sua grande capacidade de luta e competência. Seria possível indicar para nós, um pouco sobre a sua vida, a

sua escolaridade, cursos, sua família e aqueles motivos que a levaram estudar Matemática?

- Conte-nos um pouco sobre a sua luta para implantar na Bahia o antigo IMFUFBA. Que pessoas e instituições participaram naquele início?

- Na sua opinião qual era o nível do ensino da matemática e física desenvolvido na UFBA, antes do Instituto?

- Para você que figuras contribuíram de fato, para o desenvolvimento da pesquisa em matemática no Instituto?

- Após a reforma universitária, o Instituto absorveu a maioria dos professores que lecionavam disciplinas matemáticas nas diferentes escolas. Que dificuldades surgiram desta junção e que problemas de caráter filosófico com o grupo de pessoas que tinham realmente formação de matemática (entre os quais você própria) afloraram?

- Agora voltando ao vizinho Instituto de Física - seria possível você nos contar como se iniciou no Instituto, as primeiras gestões com o fito de se instalar a pesquisa no campo da geofísica. Quais aquelas pessoas você indicaria como as precursoras nessa área de atividade, aqui na UFBA?

- Você defendeu uma tese de Mestrado na UFBA. Qual o tema, quem a orientou. Que outros tópicos da matemática foram pesquisados durante os seus anos de universidade?

- Na sua opinião, o caminho percorrido pelo seu Instituto de Matemática, foi aquele vislumbrado no início?

- Estamos também neste volume fazendo uma homenagem ao nosso Professor EMÉRITO Omar Catunda, seu grande companheiro de lutas

no IMFUFBA. Poderia externar para nós, algo sobre esse grande Mes
tre?

- E agora questionamos: além da Matemática, que outras mani
festações culturais - artísticas, literárias, têm despertado o seu
interesse?

- Hoje, apesar de uma jovem aposentada, é sabido que perma
nece agitando em outras áreas. Perguntamos: Como tem sido a sua vi
da longe do Instituto. Que lugar a Matemática ainda ocupa na sua vi
da. Seria possível deixar alguma mensagem para esse enorme número
de ex-alunos, companheiros da universidade e admiradores do seu
importante e inesquecível trabalho.

. . .

A:- Em vez de responder a cada pergunta, vou contar uma his
tória

ERA UMA VEZ ...

UM PLANO, UM GIGANTE SEMI-CÍRCULO E UMA MAGIA EM TORNO

Nunca mais voltei lá e acho que não voltarei; a imagem que
ficou, na minha memória, do lugar onde viví até os quatro anos foi
a de uma planície, tabuleiro talvez, em cujo centro reinava uma gi
gantesca calota de pedra que, no meu modelo daquele mundo, tinha o
aspécto bidimensional. Era a Serra de Itabaiana em Sergipe. Meus pa
is eram, nesse Pé da Serra, pequenos agricultores. Fui a décima e
última filha do casal. Lembro-me que queria escalar a serra para
comprovar todas as lendas tão bem gravadas pelos que ali viviam: ...
"e lá em cima existe um rio de águas cristalinas ... e um carneiro

de ouro" ... Aliás, em matéria de magia o Pé da Serra era singular, havia, por exemplo, a lenda do assassino, em vida conhecido de to dos, de cuja cova exalava um forte cheiro de enxofre; a da mulher, comadre de minha mãe, que conhecia rezas fortes, inclusive a terrível oração da cabra preta — que lhe permitia ficar invisível quan do queria; a do homem que tinha pácto com o diabo e, por isso, a sua safra era a melhor da região; a de outra mulher que duplicava a sua imagem tantas vezes quantas quisesse ...

O curioso é que em Cem Anos de Solidão, Gabriel Garcia Marques co loca estas mesmas lendas, com a mesma magia, na fala dos seus persona gens.

Coisas da América Latina?

UM BANDOLEIRO ME FAZ DESCOBRIR A GEOMETRIA

Mas, algo minava, há muito, o encantamento do Pé da Serra: Lampião rondava as vizinhanças periodicamente e meu pai tinha a dura tarefa de proteger sete filhas, de repente à mercê dos seus cabras ou dos soldados da Força Volante — unidade da Polícia que perseguia o ban do; no ventre materno muitas vezes dormi no mato. Novas lendas, e agora de terror, povoavam as nossas vidas: "Lampeão cortava a sola dos pés dos inimigos e os fazia andar sobre a pissara quente". "Os cabras de Lampião defloravam publicamente todas as moças do lu gar" ... Apenas duas pessoas no Pé da Serra estavam isentas de tan tos malefícios, diziam: a mulher que ficava invisível e a que duplica va a imagem.

Vivi por muitos anos a história do cangaço através da fala dos meus

ascendentes tão bem transladada para Grande Sertão: Veredas, por Guimarães Rosa.

Meu pai não arrisca e se muda para a capital; dos quatro aos sete anos frequentei uma escola na rua onde morava: quatro séries, numa única sala, com uma única professora; depois fui para o Grupo Escolar General Valadão e tive um primário excelente.

No ginásio encantei-me com a língua francesa e decorei muitas poesias de Verlaine. Mas a coisa mais deslumbrante dessa época foi o estudo da Geometria; aluna de uma professora bastante rigorosa, tanto na parte conceitual como na cobrança dos deveres, Nilza Medrado dos Santos (atualmente professora aposentada do IMUFBA) exigia dos pupilos a demonstração de todos os teoremas que integravam o programa.

Partir de premissas e, através da lógica, ser empurrada para a conclusão, tinha para mim, o sabor de coisa mágica.

"DIVINA E MARAVILHOSA": CAMINHO DE UMA VOCAÇÃO

Por motivos econômicos minha família se desloca para Salvador e eis-me no Colégio Estadual da Bahia — o Central — transferida na metade do primeiro ano colegial.

Aconteceu que o programa de Matemática da minha turma em Sergipe estava muito mais adiantado que o da turma do Central e, ainda, o meu professor sergipano dava e exigia a demonstração de tudo o que afirmava. Na sala de aula comecei então a chamar atenção por dois motivos: o sotaque sergipano e a "genialidade matemática".

Esse fato me levou a executar o seguinte plano: nas férias do primeiro para o segundo ano colegial peguei o livro de Matemática de Algacyr Munhoz — 2º ano e descasquei-o de ponta a ponta, fazendo quase todos os exercícios e, ao iniciar o ano letivo, já dominava o programa de Matemática que iria cursar. "Divina e Maravilhosa", passei a dar aulas remuneradas para boa parte dos meus colegas.

Depois desse evento: — elegi a Matemática como minha matéria preferida e isso, certamente, motivou a escolha da minha profissão; — passei a dar cursos (e mais cursos!) particulares de Matemática para os filhos da alta sociedade baiana, resolvendo os meus problemas financeiros;

Por coincidência, nessa época, li os Diálogos de Platão e apaixonei-me pela maiêutica socrática — metodologia que nunca abandonei em toda a minha vida profissional.

CURSOS DE MATEMÁTICA E DE FÍSICA DA FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS

Ao ingressar no Curso de Matemática da FFCL deparei-me com um grande professor: Aristides da Silva Gomes. Engenheiro não assumido, dava tempo integral ao que e a quem ensinava. Era um esteta da Matemática. Apesar dele, o curso de Matemática era melancólico: carecia de fundamentação: teórica, o Cálculo Integral se restringia a uma variável, as Funções Analíticas paravam no estudo dos números complexos, a Geometria Algébrica era o estudo das Cônicas e a Geometria Diferencial, também. A Álgebra Moderna era a clássica. Não havia absolutamente nada de Matemática Moderna, nem mesmo a Teoria dos Conjuntos; não havia Estatística no currículo.

O Curso de Física, tronco comum com o de Matemática era tão deficiente quanto. Faltava-lhe alma.

Mesmo sem ter referencial para comparação, ao concluí-lo senti um enorme vazio que me levou a optar pela formatura sem solenidade. Eu tinha consciência da minha incompetência.

Ressalto aqui o idealismo da professora de Didática do Ensino da Matemática, Martha Maria de Souza Dantas, cujas aulas me fizeram sentir a importância de transmitir heurísticamente a Matemática como uma ciência lúdica e alegre.

I CONGRESSO DO ENSINO DA MATEMÁTICA NO BRASIL. UM ANJO PALPÁVEL. UM GIRO DE 180°.

Martha Dantas idealizou um congresso nacional do ensino da Matemática no curso secundário com o objetivo de discutir, dentre outras tratativas, currículos, programas e metodologia. Tal congresso realizou-se em julho de 1955, no Retiro de São Francisco. A ele acorreram vários autores famosos, professores secundários de quase todos os Estados do Brasil e um único professor universitário: Prof. Omar Catunda, da USP. Ao vê-lo, na mesa de abertura do Congresso, na Faculdade de Filosofia, tomei um susto: Omar Catunda era vivo? Nas minhas aulas de Cálculo o seu nome era frequentemente citado, mas sempre junto com o de Severi e, às vezes, com os de Newton e Leibniz! Na melhor das hipóteses, imaginava-o um vivente do século passado! Mas ele estava ali, falando aos professores secundários e ele era simples; e ele era bonito! (por que não?). Um anjo palpável.

No Retiro de São Francisco detectei logo uma de suas características que mantém até hoje: adorava brotos e por broto ele entendia pes

soa do sexo feminino com menos de 22 anos.

Catunda contactou com o corpo docente do Curso de Matemática e constatou algo que lhe pareceu muito sério: não havia pessoal docente intermediário entre os encançados e cansados catedráticos e os estudantes. Discutindo o assunto com o prof. Ramakrischa Bagavandoss Santos ele perguntou: quem, dentre os recém-formados, estaria em condições de ter uma bolsa de estudos em São Paulo? Ramakrischa respondeu: "aquela menina de saia estampada". Catunda abordou-me e fez a oferta; senti-me lisonjeada, mas reagí: meu ideal era ser professora secundária, adorava os meus alunos e tinha um entusiasmo enorme pelas aulas que dava; além disso, estava noiva, ia me casar ... Catunda insiste, passa no CNPq e envia-me os formulários para a obtenção da bolsa, oferecendo-se para meu orientador; o noivo apoia e faz questão!

UMA BOLSISTA NA USP. UMA VISITA AO CNPq E A UM REITOR — DENTRE TODOS, O MAIOR

Em 1957 estou eu na USP entrando pela primeira vez em contacto com a chamada Matemática Moderna: da teoria dos conjuntos às estruturas algébricas e topológicas. Quanto ao Cálculo Diferencial e Integral, em um ano, em São Paulo, foi dado tudo o que ví em quatro anos na Bahia, com o agravante de que, lá, o livro texto era o de Catunda e aqui, o de Granville. Eu estava perplexa com a minha ignorância, com o nível da Matemática na Bahia!

No fim do ano, ao regressar de São Paulo, passei pelo Rio de Janeiro e fiz uma visita ao Dr. Couceiro, então Diretor Científico do CNPq. Falei-me da minha experiência como bolsista e pedi bolsas de

estudo para a Bahia — "Tantas quantas você quiser", respondeu Couceiro.

Ao chegar a Salvador, no início de 58, "crente que estava abafando" dirigí-me ao então conhecido "pedaço da Renascença" — a Reitoria — e pedi uma audiência com o Magnífico Reitor Edgard Santos. Conteí-lhe o que ví em São Paulo, falei-lhe da minha visita ao CNPq e da conversa com Couceiro, das bolsas que a UFBA ganhara e também da afirmação que fizera no CNPq: ... "que a Matemática da Bahia ainda estava no século XVII". Queria, portanto, propor a fundação de um Centro de Estudos de Matemática que funcionasse paralelamente ao Curso de Matemática da Faculdade de Filosofia" ...

O Reitor ouviu tudo calado e foi ficando uma fera: ... "que eu não tinha autorização para solicitar bolsas e muito menos para desqualificar a imagem da UFBA junto ao CNPq"... "Que eu fizesse o favor de me retirar imediatamente"...

Mas Edgard Santos intuía que eu estava com a verdade. E foi o seu espírito inovador que, em contacto com Martha Dantas, o levou a analisar a minha atitude e a sondar a situação da Matemática na Bahia. Acontece que Martha tinha outros referenciais: ela andara por Lisboa assistindo as aulas de Sebastião e Silva e "aquela Matemática" (a matemática moderna) lhe parecera estranha; nunca ouvira falar de tais coisas.

Martha concorda comigo e me elogia junto ao Reitor. Ele manda me chamar e me pede para lecionar Matemática I e II na recém criada Escola de Geologia. Lembro-me que o meu salário era o dobro do de um catedrático. Nesta época, Edgard começava a "escalar"; ele já esta

va sendo isolado pelas então poderosas escolas tradicionais da UFBA e por isso partiu para a criação de centros novos de ciências fundamentais, continuando dedicado às artes e, principalmente, à música na UFBA, que com ele teve o seu apogeu.

Dessa maneira eu fiz parte da fundação da antiga Escola de Geologia que teve como seu primeiro Diretor um físico original, iconoclasta talvez, aqui trazido por Edgard Santos, Ramiro de Porto Alegre Muniz; alocado inicialmente no Curso de Física da Faculdade de Filosofia, ele foi para nós, nos seus anos de Bahia, a encarnação do cientista moderno, culto, sensível e, também, um pouco louco.

Falo de Catunda a Edgard Santos, que o convida para aqui ministrar um curso de Funções Analíticas e, mais que isso, a vir para a Bahia. Catunda não aceita: em São Paulo ele tinha família adaptada e aculturada, uma casa gostosa, amigos.

Em 1959 renovo minha bolsa de iniciação científica e volto à São Paulo com Maria Augusta Moreno, que aceitou a oferta de Couceiro. Depois, Maria Helena Lanat P. de Cerqueira, Adarcy Penna Costa, Celine B. Marques foram para o Instituto de Matemática Pura e Aplicada no Rio de Janeiro (IMPA), secundadas por muitos e muitos outros ex-alunos que obtiveram bolsa pelo CNPq.

1960: UMA PROPOSTA TENTADORA
UMA SOLIDÃO MUITO GRANDE
OS GÊMEOS NASCEM

Ao chegar de São Paulo, visito Edgard Santos, que me propõe organizar um Instituto de Matemática. Eu estava com carta branca para pro

curar, no Brasil, um matemático competente para dirigi-lo. Escrevo então a Leopoldo Nachbin, o grande mentor da Matemática na época e passo-lhe a responsabilidade.

A proposta vasou e as escolas tradicionais da UFBA que tinham Matemática em seu currículo rejeitaram, com violência, a criança ainda em gestação.

Sentí-me muito só e tive a feliz ideia, motivada pela presença constante de Ramiro no meu cotidiano, de propor ao Reitor a fundação de um Instituto de Matemática e Física em vez de um Instituto de Matemática.

Aceita a proposta, sentamo-nos e estruturamos os "institutos irmãos".

Nesse ínterim Leopoldo me escreve indicando o nome de Rubens Gouveia Lintz para Diretor, assumindo Ramiro a chefia do setor da Física. Posteriormente, Ramiro convida o prof. Waldez Cunha para substituí-lo, aqui chegando muito bem acompanhado pelo prof. Felipe Serpa.

Edgard Santos sai da Reitoria, mas enquanto vivo protegia o IMF; após a sua morte, ganham corpo as manobras para estirpá-lo da UFBA. A figura da Prof^a Martha Dantas foi muito importante nesta fase. Social e politicamente bem relacionada, ela muito nos ajudou na defesa do IMF. Fomos juntas a Brasília para conseguir verbas. Falamos com autoridades políticas.

Não entrarei nos detalhes dessa luta tão desgastante; ela pertence ao passado; deixo apenas o testemunho de que muita energia se per

deu de ambos os lados. O importante é que vencemos.

R.G. Lintz era um matemático competente, músico, cultor das belas artes; não tinha a malícia necessária para enfrentar guerrilhas e emboscadas; não entendia os porquês da suscetibilidade da nossa gente; não se adaptou à Bahia.

Waldez, ao contrário de Lintz, demonstrava achar a nossa terra algo parecido a um nirvana! minhas homenagens para ele.

Lintz fica de 60 a 62. Sua gestão foi bastante eficiente, estimulando os recém formados a sair em bolsa de estudos e reforçando a base dos que por questões pessoais aqui ficaram.

UM DESQUITE. UMA JAPONESA QUE RIA COM OS OLHOS.

A ESPERANÇA DE UM PARAÍSO NO PARALELO 13.

UMA GESTÃO TUMULTUADA.

Ao sair o Lintz, recebo uma carta de O. Catunda dizendo que estava se desquitando e ... mais que isso ... apaixonado por uma linda japonesa, 25 anos mais jovem que ele ... e que gostaria de vir, com ela, morar na Bahia, esse paraíso dos trópicos que ele tanto amava.

Imediatamente fui à Reitoria e arranjei tudo para a vinda de O. Catunda, como diretor do IMF; ele aqui desembarcou, no dia 13 de janeiro de 1963, acompanhado de ... apenas uma filha adotiva, Sonia, de cinco anos. Estava transtornado, desmontado, sem entender a cultura japonesa que não permitira a união de um desquitado maduro com uma jovem solteira.

Catunda dirigiu o IMF com delicadeza, quase sempre. Uma de suas características é que ele, sempre, tirava qualquer dúvida ou resolvia qualquer problema, de qualquer disciplina e em qualquer nível que lhe fosse apresentado; e, ao se inteirar do problema, resmungava um "uai" que nos metia tanto medo e terminava com um ... "viu talento roxo". E a solução por ele apresentada para cada problema era sempre sintética, elegante.

Outra curiosidade sobre Catunda é que quando ele assistia a qualquer aula, não resistia ao sono; para tentar evitá-lo ele colocava um lápis na vertical, com a ponta dura e bem afiada para cima e sobre esta descansava o centro da palma da mão; o espectador poderia esperar o plim-plim do lápis no chão; Omar estava de sono solto. Ao acordar tinha, em geral, demonstrações bem mais rápidas que as do expositor; acho que ele continuava a aula em seus sonhos ...

Dentre as coisas que o caracterizavam a maior era a sua congruência: a identidade entre o seu pensamento e o seu discurso. Era o oposto de Talleyrand que dizia que "as palavras foram feitas para esconder o pensamento". E essa congruência gerou muitos problemas; e alguns desses muitos problemas lhe trouxeram dissabores; outros, bloquearam a sua gestão. O "tempo integral e dedicação exclusiva" sempre lhe foram negados na UFBA, apesar de ser um dos primeiros a chegar e um dos últimos a sair no expediente de cada dia.

Uma das características do IMF nos seus 10 anos de existência (1960 a 1969) era a presença constante de professores visitantes da USP, do IMPA e do exterior. A formação de pessoal teve uma dinâmica muito grande; foram esses professores que contribuíram para uma iniciação à pesquisa no IMF.

TEMPO INTEGRAL E DEDICAÇÃO EXCLUSIVA: PRECURSORES.
A GEOFÍSICA E O IMF.
UMA EQUIPE DE VALOR.

Em 1965 foi celebrado um convênio entre a UFBA e a PETROBRÁS: o IMF se responsabilizaria pelas disciplinas de Matemática e Física para o Curso Básico de Geofísica da PETROBRÁS. Com o dinheiro obtido deste convênio, completamos o salário dos professores do IMF, antecipando o regime de tempo integral e dedicação exclusiva, só muito tempo depois instalado na UFBA.

Nessa época era Diretor do Setor da Física o prof. Bautista Vidal; arrojado, ambicioso, idealista, ele conquistara para a Física, jovens talentosos estudantes de Engenharia, hoje físicos conceituados.

Paralelamente, Bautista desenvolve os primeiros estudos de Geofísica na UFBA, surgindo uma intenção de pesquisa nesse Setor.

Nas vizinhanças dessa época o setor de Física ganha uma equipe de valor: Humberto Tanure, Jean Flexor, Roberto Argollo, Carlos Borba, J. Galvão, Mauro Catani e A. Expedito de Azevedo.

OS ALUNOS NÃO SÃO ESQUECIDOS.

Desde o início da fundação do IMF que nos preocupamos com as crias. A nossa meta era atuar sobre o curso de Matemática da Faculdade de Filosofia, conquistar, se possível, alunos da Escola de Engenharia, sem esquecer o Colégio de Aplicação. E a meta foi cumprida. Na Faculdade de Filosofia lecionei o primeiro curso de Teoria dos Conjuntos, o primeiro de Álgebra Linear, o primeiro de Álgebra Moderna e

o primeiro de Topologia dos Espaços Métricos. Era introduzida as
sim a chamada Matemática Moderna na Bahia. Introduzi também a Lógi
ca Formal e as Funções Analíticas. E como eu, vários professores do
IMF deram sua contribuição aos Departamentos de Matemática e de
Física da Faculdade de Filosofia.

OS GÊMEOS SE SEPARARAM
NASCE UMA INSTITUIÇÃO DEMOCRÁTICA
ICONOCLASTAS; GRAÇAS A DEUS

Em 1969 o Reitor Roberto Santos executa a partitura da Reforma Uni
versitária; foram então constituídas as classes de equivalência que
geraram os atuais institutos básicos e as escolas profissionalizan
tes.

O grupo de Matemática do IMF e os bolsistas que iam retornando fo
ram diluídos na avalanche de professores de Matemática e de Estatís
tica lotados nas diversas escolas que tinham MATEMÁTICA ou Estatís
tica no seu currículo.

Quinze anos são passados e considero o saldo positivo: o Instituto
de Matemática tem hoje três departamentos (Matemática, Estatística
e Ciência da Computação) com um total aproximado de 70 mestres e
alguns doutores.

Este fato nos diz que o grupo diluído foi modelo de uma postura ci

entífica e de uma filosofia que foi absorvida, na medida do possível, pelos nossos outros colegas.

O Instituto de Física não passou pelo processo de diluição, ele se manteve, por vários motivos, quase íntegro — cresceu bastante e se transformou numa das Unidades mais democráticas da Universidade. Uma comunidade de iconoclastas, para alguns, mas, ... iconoclastas, graças a Deus.

E ENTROU PELA PERNA DO PINTO ...

... E SAIU PELA PERNA DO PATO.

Acho que a minha história responde a quase tudo.

Quanto às minhas publicações informo que a minha tese de Mestrado, orientada pelo prof. visitante tcheco Marco Svec, foi ampliada e publicada na Acta Facultatis rerum Naturalium Universitatis Comenianae, Bratislava com o título: A note on the Asymptotic Equivalence of two Systems of Differential Equations; ainda, na mesma revista publiquei um trabalho sobre equações integrais: Asymptotic Equivalence of Volterra Integral Equations. E, no Boletim da Sociedade Brasileira de Matemática: A note on Generated Systems of Sets.

E quanto às duas últimas perguntas: gosto de cozinhar, gosto de li

literatura e de música; e, só para dar uma "dica" do meu gosto, informo que a paella que faço está para a cozinha, assim como Ibsen está para a literatura, assim como Vivaldi está para a música.

Atualmente tenho lido Filosofia, Schopenhauer, em especial. Tenho muita curiosidade pelo comportamento humano. Sou apicultora e aprendiz de zootecnia na minha fazenda Morro do Sobrado em Ipirá. Nela pretendo passar boa parte do resto da minha vida executando tudo o que a minha criatividade tem direito. É uma fazenda preciosa pela sua beleza e pela sua magia. É bem diferente do Pé da Serra.

Acho que jamais me libertarei da Matemática; certamente esquecerei muito do seu conteúdo, mas a sua estética habitará comigo até o fim.

Deixar uma mensagem?

Arrisco:

Não vale a pena sermos tão obstinados como as abelhas ...

Afinal, a Terra gira sem precisar que alguém acione uma ma nívela

ou

como diz Schopenhauer: "A gente pode fazer o que quer, mas não pode querer o que quer."

Transcrevemos agora do "O Informativo IM 5" do Instituto de Matemática da UFBA., edição de abril de 1981, o trabalho de autoria da Professora Arlete Cerqueira Lima, solicitado pelo Colegiado do Curso de Matemática. Num estilo quase bíblico, e exibindo as vantagens e a beleza da HEURÍSTICA, eis o depoimento:

UMA VIDA PROFISSIONAL HEURISTICAMENTE VIVIDA

No princípio (da aula) eram os conceitos

E eu lhes dava cor e forma

E eles (os alunos) os intimavam através de exemplo e de
contra-exemplos.

Depois, era a relação entre eles (os conceitos)

E eu os fazia distinguir a diferença entre causa e efeito,
entre premissas e conclusão.

E eu os conduzia através do diálogo ao objetivo (a conclu
são).

A aula se transformava em um jogo (jogado por todos), onde
a meta era atingida, muitas vezes, por
caminhos diversos.

Havia entusiasmo e brilho nos olhos, sempre que alguém des
cobria um caminho novo.

E o tempo passava rápido... e ninguém se cansava

Aos poucos, o milagre acontecia: eles iam adquirindo (sem
pre através do diálogo) independência do
raciocínio e enfrentando, sozinhos,
situações novas.

E eu constatava e desfrutava a alegria que dá a autonomia.

E eu me comprazia com o prazer que eles sentiam ao se des
cobrirem livres.

E eu... só tenho saudades.